

## Inteligência artificial na produção científica: potencial apoio metodológico ou risco à autoria?<sup>1</sup>

Roberta Dannemann Vargas Neves<sup>2</sup>

Carlos Pernisa Júnior<sup>3</sup>

### Resumo expandido Painel Temático

A produção do conhecimento científico é historicamente marcada por transformações que acompanham as mudanças tecnológicas e comunicacionais de cada época. Da oralidade à escrita, da imprensa à digitalização e, mais recentemente, a possibilidade de incorporação de ferramentas baseadas em inteligência artificial (IA). Cada novo contexto reorganizou os modos de registro, validação e circulação do saber. Atualmente, o debate sobre a emergência da IA – em especial dos Modelos de Linguagem de Larga Escala (LLMs) – apresenta desafios relevantes para a prática científica. Por um lado, oferece agilidade, amplitude e apoio metodológico; por outro, traz questionamentos éticos acerca da autoria, da confiabilidade das informações e do risco de substituição do trabalho intelectual humano.

A pesquisa que fundamenta este resumo propõe uma reflexão sobre o papel da IA na pesquisa científica, com foco na área da Comunicação, examinando seu uso como assistente cognitiva e não como substituta da autoria humana. A partir de um breve percurso histórico da escrita científica e da análise de ferramentas de IA aplicadas à produção acadêmica – como *Elicit*, *Perplexity* e *ChatGPT* – busca-se compreender de que modo essas tecnologias podem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas, sem comprometer a ética, a originalidade e a autoria. O

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Painel Temático Plataformas de comunicação e de IA do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora Integrante do Grupo de Pesquisa “Laboratório de Mídia Digital” (CNPq). E-mail: [roberta.dannemann@ufjf.br](mailto:roberta.dannemann@ufjf.br).

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Professor permanente da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do Grupo de Pesquisa “Laboratório de Mídia Digital” (CNPq). E-mail: [carlos.pernisa@ufjf.br](mailto:carlos.pernisa@ufjf.br).

objetivo central é discutir as potencialidades e limitações da IA no processo de pesquisa, com ênfase na distinção entre auxílio metodológico e autoria. Assim, questiona-se: de que modo as IAs generativas podem atuar como ferramentas de apoio à produção científica sem comprometer o rigor metodológico? Quais critérios éticos e operacionais devem orientar o seu uso? Essas perguntas estruturam o desenvolvimento do estudo, que articula fundamentos teóricos, históricos e práticos a partir de exemplos práticos de aplicação.

Ao longo da história as formas de produzir e de transmitir a ciência se reorganizam com base nas tecnologias disponíveis em cada tempo. Na Antiguidade, o saber circulava pela oralidade, sustentado pelo senso comum. Como observa Santaella (2010), tratava-se de um conhecimento acrítico, dependente da crença e da tradição. A invenção da escrita inaugurou o registro e a preservação da memória coletiva e da experiência humana, ainda que restrita a grupos letrados e às instituições religiosas. O marco seguinte foi a tipografia, no século XV, com Gutenberg, que permitiu a reprodução de textos em larga escala e impulsionou a maior circulação e difusão de ideias, incluindo as científicas. O século XVII consolidou a estrutura moderna da escrita científica com o surgimento dos periódicos especializados, como o *Philosophical Transactions* da Royal Society, inaugurando práticas de revisão por pares e critérios de validação, próximo ao padrão atual. Conforme Chalmers (1993), a ciência fundamenta-se na objetividade e na prova verificável – parâmetros que moldaram a legitimação do conhecimento até a atualidade.

A chegada da era digital e da Internet, nos anos 1990, transformou radicalmente esse processo. A circulação da informação tornou-se descentralizada, reduziu tempo e distâncias, permitindo o acesso a bases de dados, publicações abertas e redes de colaboração científica. A Web 2.0, na década de 2000, deslocou o usuário para o centro das interações, possibilitando não apenas o consumo, mas também a produção de conteúdo. Segundo D'Andréa (2020), esse movimento promoveu uma reconfiguração das dinâmicas sociais e cognitivas. Poell, Nieborg e Van Dijck (2019) denominam essa transformação de Sociedade da Plataforma, em que a rotina social é marcada pela mediação de ferramentas digitais conectando e relacionando instituições, dados e sistemas digitais. No campo científico, tal mudança representou a passagem da comunicação quase mediada (Primo, 2003) – típica do impresso – para a interação mediada digitalmente, caracterizada pela colaboração em tempo real e pela disseminação instantânea. Esse

contexto, no entanto, trouxe novos desafios: o excesso de informação, o produtivismo acadêmico e a necessidade de validação de dados em escala global. É nesse contexto que emerge a IA como resposta tecnológica a um cenário de sobrecarga cognitiva e informacional.

A relação entre humanos e máquinas não é recente. Desde a Revolução Industrial, no século XVIII, a tecnologia atua como extensão das capacidades humanas. No século XXI, a IA expande essa relação para o plano cognitivo, buscando auxiliar no desenvolvimento de processos mentais. Menezes (2023) define IA como o campo dedicado à criação de sistemas que imitam habilidades humanas, como aprendizado e tomada de decisão. Entre seus principais precursores estão Alan Turing, John McCarthy, Marvin Minsky, Geoffrey Hinton e Arthur Samuel, responsáveis por desenvolver as bases do *machine learning*, *deep learning* e das redes neurais artificiais. Apesar de sofisticadas, essas tecnologias não possuem consciência, intenção ou criatividade genuína. Sua operação se desenvolve a partir de padrões previamente estabelecidos e na elaboração de respostas criadas a partir do cruzamento de dados disponíveis em bancos de dados. No caso das IAs generativas – como *ChatGPT*, *Gemini* e *Perplexity* – a simulação de diálogo humano e de escrita coerente gera a ilusão de autoria. Contudo, conforme apontam Almeida, Mendonça e Filgueiras (2023), os textos produzidos por IA podem conter imprecisões, omissões e vieses, exigindo leitura crítica por parte do pesquisador.

No campo da ética e do direito, a Lei nº 9.610/1998, que regula os direitos autorais no Brasil, estabelece que apenas pessoas físicas podem ser consideradas autoras de obras científicas, literárias ou artísticas. Portanto, textos gerados por IA não possuem autoria recaindo sobre o pesquisador a responsabilidade ética e jurídica por seu conteúdo. Essa definição é fundamental para demarcar o limite entre assistência metodológica e autoria intelectual, assegurando que a IA seja compreendida como instrumento e não como sujeito da produção científica.

A incorporação da IA na pesquisa acadêmica pode otimizar etapas do processo científico sem comprometer a autoria. Ferramentas como *Elicit* e *Perplexity* demonstram o potencial da IA em funções de apoio à pesquisa bibliográfica, sistematização de dados e mapeamento temático. O *Elicit*, por exemplo, identifica e organiza artigos relevantes a partir de um *prompt* de pesquisa, sintetizando resumos e apresentando quadros comparativos que incluem autor, metodologia e

resultados. Já o *Perplexity* realiza cruzamentos entre bases de dados e oferece referências verificadas com acesso direto às fontes. Ambas reduzem o tempo de busca e oferecem panoramas organizados, permitindo que o pesquisador concentre esforços na análise crítica dos resultados.

Além dessas, há ferramentas de IA integradas a várias etapas da pesquisa científica:

- Organização conceitual: *softwares* como *Miro* e *MindMeister*;
- Gerenciamento de referências: *Zotero*, *Mendeley* e *Paperpile*;
- Correção e tradução: *DeepL*, *Grammarly*, *Google Translate*;
- Verificação de similaridade: *Turnitin*, *CopyLeaks*;
- Produção de apresentações: *Gamma*, *Beautiful.ai*;
- Transcrição de áudio e vídeo: *Whisper AI*.

Esses recursos não substituem o trabalho intelectual, mas podem ser utilizados como assistentes que otimizam tarefas operacionais, ampliando a eficiência do processo de pesquisa. Sua utilidade depende, porém, da capacidade humana de interpretar criticamente os resultados e contextualizá-los dentro do marco teórico-metodológico da investigação.

Os experimentos realizados com o *Elicit* e o *Perplexity* a partir de uma mesma instrução, *prompt*, mostraram diferenças na qualidade e na forma de organização dos resultados. Este resultado evidencia que o desempenho da IA é diretamente proporcional à qualidade do *prompt* e à base de dados acessada. O *Elicit* destacou estudos sobre produtivismo acadêmico e ética na publicação científica, enquanto o *Perplexity* apresentou um escopo mais amplo, com referências em diferentes áreas. Ambas as ferramentas demonstraram eficiência em sintetizar informações e apresentar dados relevantes em pouco tempo. Contudo, a análise revelou lacunas – como ausência de estudos recentes, limitação de idiomas e vieses regionais – que reforçam a necessidade da intervenção humana na verificação e interpretação. Assim, a IA se mostra útil como instrumento de pré-análise, mas insuficiente como mediadora autônoma do conhecimento científico.

Esses resultados confirmam que a IA, quando utilizada com transparência e responsabilidade, potencializa o trabalho do pesquisador, permitindo maior foco nas etapas intelectuais e

interpretativas. A IA, portanto, não elimina o protagonismo humano, mas exige dele novas competências, como literacia digital, senso crítico para que seu uso seja eficiente e ético.

O percurso histórico e analítico apresenta que a inteligência artificial representa uma continuidade da evolução tecnológica que acompanha a ciência desde suas origens. Assim como a imprensa e a Internet transformaram a forma de registrar e comunicar o conhecimento, a IA reorganiza as práticas metodológicas e operacionais da pesquisa. No entanto, o que distingue esta nova fase é a proximidade entre automatização e cognição, que desafia as fronteiras éticas. Conclui-se que a IA deve ser compreendida como assistente cognitiva, capaz de ampliar o alcance e a agilidade do trabalho científico, mas nunca como substituta da autoria. Seu uso responsável requer consciência crítica, clareza metodológica e respeito aos princípios éticos da pesquisa. A ciência, afinal, continua a depender da interpretação, da reflexão e do compromisso humano com a verdade em seu desenvolvimento. A incorporação ética da IA pode, portanto, fortalecer o fazer científico, promovendo uma produção mais eficiente, acessível e colaborativa. O desafio está em equilibrar inovação e integridade, garantindo que a tecnologia sirva ao conhecimento – e não o contrário.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; Comunicação da Ciência; Escrita Científica; Pesquisa Acadêmica.

## Referências

ALMEIDA, V., MENDONÇA, R. e FILGUEIRAS, F. (2023) ChatGPT: tecnologia, limitações e impactos. [online] Ciência Hoje (CH396). Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/chatgpt-tecnologia-limitacoes-e-impactos/>. Acesso em: 11 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Lei Nº 9.610. Brasília, DF, 20 fev. 1998. p. 3-3. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm). Acesso em: 11 set. 2025.

CHAMERS, A. F.. O que é ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p. Tradução Raul Fiker.  
D'ANDRÉA, Carlos. Porque (e o que são) plataformas? In: Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 13 - 24. GOOGLE (EUA). Google Acadêmico. 2024. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 09 out. 2024.

FONTES, Ilda; SILVA, Eli Lopes da. Integridade em publicação científica. In: FONTES, Ilda; PINTO, Juliana Maria de Sousa; GALLETI, Silvia; RODE, Sigmar de Mello (org.). Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do abec meeting 2023. Botucatu: Abec Brasil, 2024. Cap. 5. p. 57-68. Disponível em: [https://www1.abecbrasil.org.br/arquivos/desafios\\_e\\_perspectivas\\_da\\_editoria\\_cientifica\\_2023.pdf](https://www1.abecbrasil.org.br/arquivos/desafios_e_perspectivas_da_editoria_cientifica_2023.pdf). Acesso em: 28 maio 2025.

MOREIRA, Daiany Alves Araújo; BELLO, Denize Dall. A Inteligência Artificial na pesquisa científica: vantagens, desvantagens e limitações. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S.L.], v. 17, n. 7, p. 1-22, 23 jul. 2025. Brazilian Journals. <http://dx.doi.org/10.55905/cuadv17n7-086>. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8825/6118>. Acesso em: 11 set. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Platformisation: n. Internet Policy Review, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 2-10, 29 nov. 2019. Internet Policy Review, Alexander von Humboldt Institute for Internet and Society. <http://dx.doi.org/10.14763/2019.4.1425>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341921979\\_Plataformizacao](https://www.researchgate.net/publication/341921979_Plataformizacao). Acesso em: 10 set. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. 2. ed. São José do Rio Preto: Bluecom, 2010. 144 p.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional. 2003. 292 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Informática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <https://www.teduc1001.net/corpus/000449573.pdf>. Acesso em: 09 set. 2025.